

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 15



Gaúcho da Fronteira
Luiz Carlos Borges



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Busetti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago

ALCANCE

Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcance Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcance.com.br / e-mail: alcance@editoraalcance.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vítor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filha), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Aírton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Gaúcho da Fronteira sem Fronteiras

Todo mundo conhece o ditado: "Dou um boi para não entrar na briga e uma boiada para não sair". Pois a vida do Gaúcho da Fronteira, menos conhecido como Héber Artigas Armua Frós, é mais ou menos isso. Quando tinha sete anos, o piaizito vendeu uma novilha para comprar uma gaita de quatro baixos. Agora, com 54 anos, mais de 2 milhões de discos vendidos e uma carreira nacionalmente estabelecida, que boiada seria necessária para Héber deixar de ser o Gaúcho da Fronteira? Você acertou se respondeu que isso não é pergunta que se faça, já que estamos falando de vocação de um menino que já aos 10 anos entretinha seus amigos cantando Teixeira, Pedro Raymundo e Gildo de Freitas, desdobrando no acordeão (cordeona, como o Gaúcho da Fronteira diz) e no violão. Do adolescente que, com 15 anos, fazia parte de um grupo folclórico que se apresentava no Brasil, Uruguai e Argentina. Do adulto que, em 1973, fazendo parte do conjunto "Os Vaqueanos", abriu espaço nacionalmente para a música gaúcha se apresentando no programa "Alô Brasil, Aquele Abraço". Do artista que põe o salão de pé seja nos Estados Unidos, no nordeste, na Argentina. Do Gaúcho da Fronteira que não tem fronteira. A exuberante figura do Gaúcho da Fronteira só tem um problema. Quem olha aquele guasca despachado e falante pode achar que se trata de uma imagem fabricada, de um estereótipo gaudério para vender discos. E periga não perceber qual a principal mercadoria que o Gaúcho da Fronteira oferece ao lado de sua música, claro. Ele põe à disposição daqueles que ouvem sem preconceito uma autenticidade com cheiro de chão batido de galpão, com alegria de festa sincera, com sotaque, ora, de onde mais?, da fronteira. Autenticidade que não conhece a fronteira de gerações. Pois não é que um dos maiores sucessos dos "Engenheiros do Hawaii", capaz de mexer até com o público do Rock In Rio III, é uma das principais criações do Gaúcho da Fronteira, *Herdeiro da Pampa Pobre* (parceria com Vaine Darde)? A síntese perfeita do que poderia ser a música pop gaúcha e "tradicional", uma melodia de raiz, um apelo de público, uma mensagem conseqüente. O Gaúcho da Fronteira já fez história. Fã de Frank Sinatra, Pedro Raymundo e Luiz Gonzaga, segue criando para provar que é fã de uma música sem fronteiras. E isso não impede que ele faça sua parte para defender o que é gaúcho. Brinca com o forró, com o samba, mas preserva sempre o violão e a gaita campeiros, como se este fosse o timbre da alma gaúcha.

E para terminar (ou começar), o Gaúcho da Fronteira repete o feito de artistas como Carlos Gardel (que era uruguaio), Carmen Miranda (que era portuguesa) e Alfredo Le Pera (que era paulista), que se tornaram grandes artistas em países em que não nasceram. O Gaúcho nasceu no Uruguai, mas é um dos símbolos da música gaúcha e brasileira. Isso já rende uma vida e uma música e tanto.



ilust. digital: V. H. Turuga

Esta página é uma colaboração de
Renato Mendonça - Jornalista



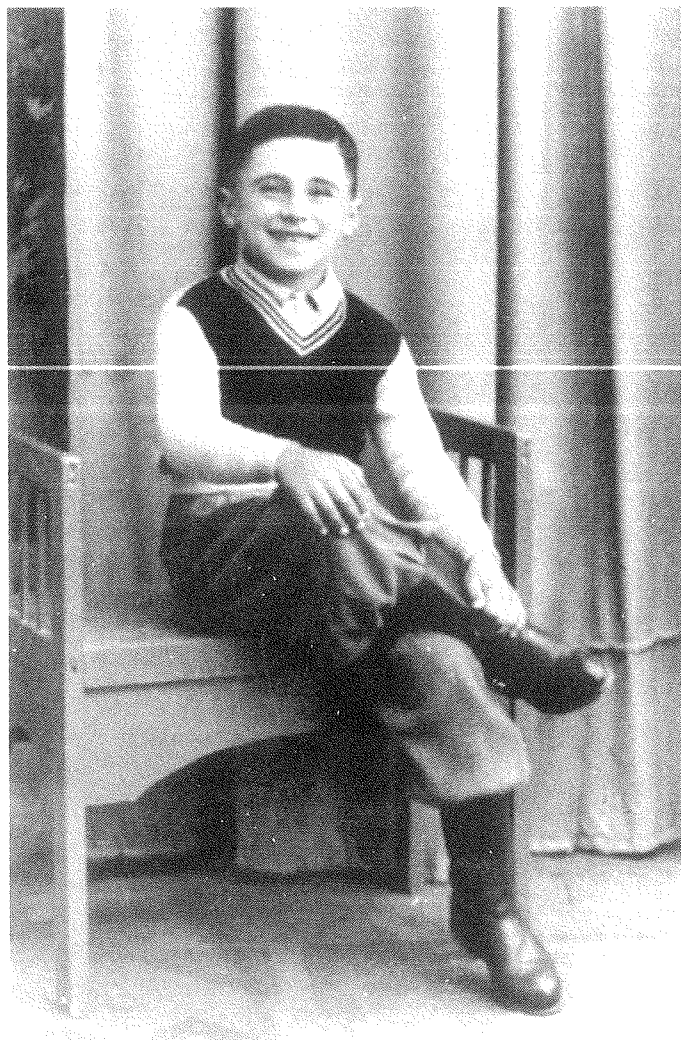
Cronologia Biográfica:

Heber Artigas Armua Frós

Gaúcho da Fronteira

1947 - Nasce em Rivera (Uruguai), a 100 m da fronteira com o Rio Grande do Sul, em 23 de junho, filho do pecuarista Santo Conceição Frós e da poetisa e compositora Brígida Armua (pseudônimo artístico Calândri Gáucha), ambos uruguaios.

1954 - Aos sete anos, já antecipando o talento, vendeu (ele mesmo!) um novilho e comprou uma gaita de quatro baixos, que passou a estudar sozinho.



1957 - Ingressa no curso primário da "Escuela José Pedro Varela". Por esta ocasião, juntava a gurizada para escutá-lo em frente à casa da avó. O repertório era Teixeira, Gilde de Freitas e Pedro Raymundo. Passa a integrar o grupo de danças folclóricas da escola como acordeonista e a aprender violão com amigos.

1960 - Muda-se com a família para Livramento (Brasil), mas prossegue os estudos na escola uruguaia.

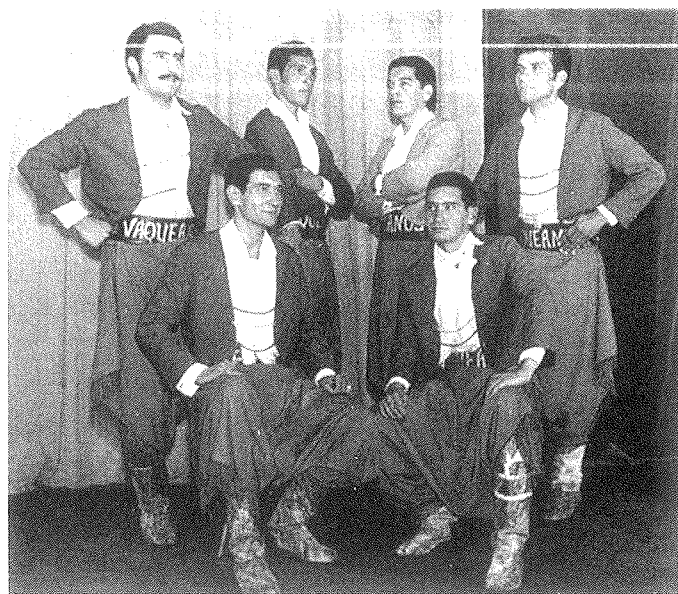
1962 - Já no segundo grau escolar, forma o Grupo Folclórico de la Escuela Industrial de Rivera (quarenta integrantes), com o qual apresenta-se em várias cidades do Uruguai, Argentina e Brasil.

1963 - No dia 10 de agosto, faz sua primeira apresentação solo no Cine-Teatro Avenida de Rivera, acompanhado pelo guitarrista uruguaio Espinosa. Começa a tornar-se um músico conhecido na região.

1964 - Como seu repertório continha muitas composições de Teixeira, começa a ser chamado de "Teixeira da Fronteira". Para escapar do estigma, adota o nome artístico de "Gaúcho da Fronteira".

1965 - Forma-se torneiro mecânico pela Escuela Industrial de Rivera.

1968 - Passa a integrar o conjunto de baile "Os Vaqueanos", de Livramento, com o qual grava o LP *O Rio Grande Canta com Os Vaqueanos*, em Montevideo.



"Os Vaqueanos".

1970 - Grava um compacto duplo em Montevideo, pela Sondor, com composições próprias. Casa-se com Helói da Costa Frós.

1972 - Vai, com "Os Vaqueanos", a Porto Alegre pela primeira vez, em uma velha camioneta que precisava ser empurrada constantemente, para participar do programa "Show do Gordo" (de Ivan Castro). Executam show no Ginásio da Brigada Militar.



1973 - Nasce o primeiro filho, Heber Tiarajú Frós. Vai com "Os Vaqueanos" para o Rio de Janeiro participar do programa da TV Globo "Alô Brasil - Aquele Abraço".

1974 - Participa, com "Os Vaqueanos", da Califórnia da Canção de Uruguiana, com *Noite de Ronda*.

1975 - Abandona "Os Vaqueanos" e parte para carreira solo. Produzido por Leonardo, após célebre encontro no centro de Porto Alegre, grava o LP *Gaúcho da Fronteira*, pela Copacabana (depois adquirida pela Beverly). Nasce o segundo filho, Cléber Ubiratã.

1976 - Também produzido por Leonardo, grava o LP *Mensagem do Sul*, pelo selo Querência da ISAEC, acervo depois adquirido pela Copacabana.

1980 - Primeiro disco de ouro com o LP *Meu Rastro*, pela WEA/Rodeio. Conhece a produtora Virgínia Guimarães, que viria a acompanhá-lo por toda a carreira. Gaúcho refere-se a ela como "uma irmã" e pessoa fundamental em sua carreira.

1981 - LP *Isto é que é Gaitero Bom*, pela WEA/Rodeio.

1982 - LP *Gaita Companheira*, pela WEA/Rodeio.

1986 - Segundo disco de ouro com o LP *Rio Grande de Sempre*, pela WEA.

1987 - LP *Toque de Gaitero*, pela WEA.

1988 - Terceiro disco de ouro com o LP *Gaitero, China e Cordeona*, pela Continental/Chantecler.





1989 - Quarto disco de ouro e primeiro de platina com o LP *O Melhor de Gaúcho da Fronteira*, pela Som Livre.

1990 - Quinto disco de ouro com o LP *Gaitaço*, pela Continental/Chantecler.

1991 - CD *Acordes Orientais*, pela Continental/Chantecler. Protagoniza o filme "Gaúcho Negro", com a Xuxa, e lança o CD homônimo com a trilha sonora da película pela Continental/Chantecler.

1992 - CD *Pêlo Duro*, pela Continental/Chantecler.

1994 - CD *Tão Pedindo um Vanerão*, pela Continental/Chantecler.

1995 - Lançada, pela Continental/Chantecler, a coletânea *Dose dupla*, composta pelos discos *Meu Rastro e Gaiteiro*, *China e Cordeona*.

1996 - CD *Amizade de Gaiteiro*, pela Continental/East West. Lança pela Continental/Chantecler a coletânea *Dose Dupla vol. 2*, com os discos *Acordes Orientais e Gaitaço*.

1998 - Lança os CDs *Xucro de Campanha e Forronerão*, pela Continental/East West.

1999 - CD *Gaúcho Canta pra Elas*, pela Continental/East West. Ano em que teve problemas cardíacos, preocupando toda a comunidade gaúcha, e em que João de Almeida Neto compõe para ele *Coração de Gaúcho* (ver fascículo João de A. Neto). Mesmo assim, ainda acha disposição para participar do disco *Norte In Sul*, de Henrique Mann, ao lado de 32 dos mais destacados músicos do estado.

Lança a coletânea *Dose dupla vol.3*, pela Continental/Chantecler (incluindo os discos *Pêlo Duro e Tão Pedindo um Vanerão*) e *Popularidade*, pela Chantecler.

2000 - Apresenta-se nos EUA, com Luiz Carlos Borges. Recebe o Troféu Lupicínio Rodrigues, principal distinção musical concedida pela Câmara Municipal de Porto Alegre.

2001 - Lança o CD *Bailão do Gaúcho da Fronteira*. Chega ao fim do século XX como um dos artistas mais populares e terceiro maior vendedor de discos da história do Rio Grande do Sul, com aproximadamente 2 milhões e 100 mil cópias comercializadas.

Acumula, neste período, cinco discos de ouro e dois de platina.



Depoimentos

Com Humberto Gessinger,
no Rock in Rio.

"Aos 'Engenheiros do Hawaii' eu só tenho a agradecer e admirar. Eu admiro a juventude, e a gurizada sempre me escuta e me respeita em qualquer lugar que eu toque. Gostei muito da gravação deles da minha música. Me faz lembrar uma vez que um patrão de CTG barrou uns guris, porque não estavam de bombachas, aí eu disse para ele: 'deixa os guris aí, eles podem não estar com uma bombacha tão bonita quanto a tua, mas o sangue deles é tão gaúcho quanto o teu'. É isso que eu penso do 'Engenheiros', eles estão valorizando e cantando os versos da gente, e o valor disso não está na casca, mas no cerne. A essência deles é tão gaúcha quanto a minha; eles só são mais jovens".

" Só vale a pena ser músico profissional se você tem responsabilidade e muito a amor à camiseta; tem que gostar e cantar com vontade."

" Eu assumo a responsabilidade de ser defensor e um dos baluartes da música tradicional do Rio Grande do Sul frente ao Brasil. Lutei pra conquistar este lugar e acho que conquistei."

" Sobre esse negócio da dificuldade da música do Rio Grande entrar no resto do Brasil, eu acho que também tem um pouco de acomodação da gente. Se tu não for lá bater na porta dos 'home', eles é que não vão bater na tua."

" Sempre fui um músico ligado a bailes, por isso não participei muito dos festivais; mas acho que eles mudaram o panorama da música do Rio Grande. Ali surgiram coisas de muito fundamento, e nos ajudaram: aos poetas, aos músicos; evoluíram a maneira de compor e até criaram um mercado que antes não havia para a música gaúcha."



"Sou um conservador no sentido bom da palavra. Embora faça experiências como Vanerão Sambado ou Forronerão, sou conservador, porque vou até por ali ..., mas faço questão de manter a cordeona e o violão, nem que use oito ou dez violinos. Sou um tradicionalista de verdade, com alguma ousadia."

"No Nordeste eu vou muito bem. Já tive música gravada pelo Genival Lacerda, 'Os Brasas do Forró', Frank Aguiar e, enfim, já gravaram mais de vinte músicas minhas, e roda direto por lá. A ligação da música do nordeste com a nossa já começa pela cordeona, que, para eles, é a sanfona e um instrumento básico.

Quando eu era guri e tocava Luiz Gonzaga no rádio, eu ficava grudadito, porque tinha um toque bonito, simples, mas o recado vinha gostoso, lindo mesmo. Eu estranhava o linguajar de lá, mas adorava a música, e hoje tem até uma bóia nordestina que sou especialista em fazer que é a carne de sol. Assim é na música. Se tu botar os dois pra fritar e escorrer a graxa, o que sobra é tudo a mesma coisa."

"Nas vezes em que toquei nos EUA, vi que os gringos, que nunca tinham me visto, nem sabiam falar português, daqui a pouco começavam a bater o pé, depois a mão, dali a pouco tavam dançando.

Eu não sei como, mas o som entra pelo ouvido da pessoa e dali a pouco está mexendo com o corpo, e a festa tá feita. Eu já senti isso com alguém que eu não entendia bulhufas do que dizia, que era o Frank Sinatra. Sempre fui admirador dele, da voz, do jeito de cantar, da personalidade, e nem precisei entender inglês para gostar da música dele."

"A música tem a vantagem de poder falar de política de uma maneira até engraçada ou séria se quiser, mas eu acho que tem também a obrigação de falar de política. Eu acho muito importante que o autor fale o que pensa sobre isso, certo ou errado, mas que fale. Condenável é quem se omite. O cantor pode até ser romântico, mas não o tempo todo. Eu procuro cantar alegria, gauchadas, mas não fujo dos temas polêmicos, temas sociais e políticos."



Tocando para grande público



Herdeiro da Pampa Pobre

Vaine Darde e Gaúcho da Fronteira

1 *A* *E⁷* *A*
 QUE PAM PAÉ ES SA QUE RH GE BOA GO RA COM A MIS SÃO DE CUL TI VAR RA I ZES SE DES TA

6 *E⁷* *A*
 PAM PA QUE ME FA LAHES TÓ RIA NÃO ME DEI XA RAM NEM SE QUIER MA TI ZES PAS SAM NAS

10 *E⁷* *A*
 MÃOS DA MI NHA GE RA CÃO HE RAN ÇAS FEI TAS DE FOR TU NAS RO TAS CAM... POS DE

14 *E⁷* *A*
 SER TOS QUE NÃO GE RAM PÃO GN DEA GA NÂM CIAAN DA DE RÉ DEAS SOL TAS SE FOR PRE

18 *E⁷* *A* *E⁷* *A*
 CI SO RU VOL TOA SER CAU DI LHO POR ES TA PAM PA QUE FI COU PRA TRAZ FOR QUEBU NÃO

22 *A* *F#⁷* *Bm* *E⁷* *A*
 QUE RO DEI XAR PRO MEU FI LHO A PAM PA PO BRE QUEHER DEI DO MEU PAI HER DEI UM

26 *E⁷* *A*
 CAM PO GN DEO PA TRÃO É RUEI TEN DO PO DE RES SO BREO PÃO EAS A GUAS GN DEES QUE

30 *E⁷* *A*
 CI IXO VI VRO PEÃO SEM LEI DE PÉS DES CAL ÇOS CA BRES TEAN DO MA GOAS EO QUEHO JE

34 *E⁷* *A*
 HER DO DA MI NHA LEI XI RU A EUM DE SA FIO QUEA MINHA I DA DIA FRON TA POIS... MEI LEI

38 *E⁷* *A*
 XA RAM COMA GUI A CA NU A PA RA PA GAR U MA POR CÃO DE CON TAS

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Sestiando nos Meus Pelegos

Gaúcho da Fronteira

1 *Ab* *p* *Eb⁷*
TO DO FLO REI O DIA MOR SEM PRE TEM AL GUM SEN TI DO BBU NÃO A GUREN TEI OA

1 *Ab* *Db*
BRA ÇO DB VI VER SEM TRU CA RI NHO TU TO MA CON TA DO RAN CHO CO ZI NHA VA RAN DAH

7 *Ab* *Eb⁷* *Ab*
SA LA VAI SES TIAR NOS MEUS PE LE GOS E TE TA PAR NO MEU PA LA QUEB RO DE PAR TIR CONI

11 *Ab* *Eb⁷*
TI GO O QUEH MEU PE LA ME TA DE QUA SEUM SA CO DE CA RI NHO BES TA CAR GA DE SAU

14 *Ab* *Db* *Ab*
DA DE EU QUE RO VI VER A VI DA TIA MAN DOE QUE REN DO BEM FOIS MEA TI RO NOS TRUS

17 *Eb⁷* *Ab* *Ab*
BRA ÇOS I GUAL BUR RO NOA ZE VEM O PRO DU TO DES SE A MOR EM SE GUT DI NHA JÁ

21 *Eb⁷* *Ab*
SAI UM B A CA RA DA MÃE E OOU TROO FO CI NHO DO PAI

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.

Luiz Carlos Borges O Talento Universal



Existem músicos que treinam desde criancinhas, outros nunca estudam, mas nascem com talento. Em Luiz Carlos Borges as duas coisas aconteceram juntas. Ao tempo da escola primária, veio o conservatório musical. A infância e a adolescência foram vividas em ritmo de música profissional, com o conjunto de bailes da família. Mas o talento natural foi-se evidenciando. A mão esquerda arrasadora no acordeom, a direita muito rápida e precisa; o violão, a voz, a experiência. Rapazote, Borges já sabia exatamente o que queria: a Faculdade de Música. E assim foi. Logo sua capacidade musical ganharia o Rio Grande e depois o mundo. Contudo, soube também organizar a "empresa" de seu talento. Teve seu próprio estúdio de gravações. Criou e organizou vários festivais, entre os quais, o Musicanto Sul-Americano de Nativismo de Santa Rosa. Este festival surgiu de sua necessidade ideológica de universalizar a música do estado. A alma de Borges é gaúcha por excelência, e sua música diz isto com todas as notas, mas há nela espaço para os gêneros latinos, europeus, americanos e, fundamentalmente, brasileiros. Nele converge e se conclui naturalmente o longo debate sobre tradição e modernidade na música do Rio Grande do Sul. Borges consegue tocar o *chotes* e a chimarrita com a mesma verdade interior de um chamamé ou de um baião. Para ele tudo é música, ainda que com seu sotaque gaúcho bem pronunciado. Mesmo para o ouvido menos treinado, é fácil perceber o quanto Luiz Gonzaga e Dominginhos foram e são importantes para ele, que afirma com convicção ser o gaúcho Chiquinho do Acordeom, sua principal referência. Prestando mais atenção em seu toque, dá para identificar também os mestres eruditos, a música flamenca, Piazzola, Raulito Barbosa, Yupanqui, Tarragô Ros, Zitarosa e, acima de tudo (ou no fundo de tudo) Luiz Carlos Borges: um músico personalíssimo, capaz de influenciar outros músicos gaúchos de várias gerações, regiões e segmentos sociais. Dos músicos ditos "regionalistas", Borges é um dos que mais conhecimento teórico acumula. Com toda a sua vida de prática, é uma dádiva que ele ponha a universalidade de seu talento a serviço da música do Rio Grande.



Cronologia Biográfica:

Luiz Carlos do Nascimento Borges

Luiz Carlos Borges



1953 - Nasce em Santo Ângelo (RS), a 25 de março, filho de Cristina e Vergilino da Silva Borges. O pai, trovador e tocador de gaita de botão, estimula-o em música e coloca-o no Instituto Musical Missões (Conservatório de São Luiz Gonzaga), dirigido pela professora Lúcia Bremm.

1962 - A musicalidade da família evidencia-se no fato de que cinco dos sete filhos de Vergilino Borges tornaram-se músicos profissionais, formando o conjunto de baile "Irmãos Borges", no qual Luiz faria sua primeira apresentação em outubro. Permaneceria por dezessete anos atuando no conjunto ao lado dos irmãos mais velhos, Fernando, Albino, Antônio e Irenita.

1971 - Grava com o conjunto o LP *Argentina y Brasil con los Hermanos Borges*, em Buenos Aires (Gravadora País Discos). Lá conhece o músico e produtor Raulito Barbosa, de grande influência em sua vida e carreira.

1973 - Os "Irmãos Borges" gravam novamente em Buenos Aires, desta vez o LP *Imenso Potreiro*. Luiz Carlos prossegue com o conjunto, apesar de, a esta altura, mudar-se para a Santa Maria a fim de prosseguir os estudos, visando à universidade.

1975 - Os "Irmãos Borges" gravam o primeiro LP no seu próprio país: *Chimarrão e Milonga*, pela Continental (já com produção de Ayrton dos Anjos).

1976 - Ingressa no Instituto de Belas Artes da Universidade Federal de Santa Maria, cursando música. Os anos de estudos anteriores aliados à escola de baile faziam de Borges um estudante diferenciado na Universidade. Apresentava-se com desenvoltura nos eventos estudantis, mas também em recintos profissionais, como bares, restaurantes, bailes ou teatros.

1979 - Vence a linha de Manifestação Rio-Grandense da Califórnia da Canção com a belíssima composição *Tropa de Osso* (parceria com Humberto Zanatta). Arrebata ainda os prêmios de Melhor Arranjo e Melhor Instrumentista. Este seria o grande marco inicial de sua carreira solo e de uma trajetória histórica para a música do RS.

1980 - Vence novamente a mesma linha da Califórnia com outra canção que se tornaria clássica do cancionero gaúcho: *Romance na Tafona* (parceria com Antônio Carlos Machado). Forma-se em música na universidade (Licenciatura) e assume a direção do Centro Cultural Municipal e da Biblioteca Pública de Santa Maria. Lança o LP *Tropa de Osso*, pela Continental.

1982 - Muda-se para São Borja, onde passa a compor com Apparício Silva Rillo, seu maior parceiro. Naquela cidade, assume a Assessoria de Cultura e Turismo da Prefeitura.

1983 - Convidado pela prefeitura de Santa Rosa para assumir a pasta da Cultura, Desporto e Turismo, idealiza o festival Musicanto Sul-Americano de Nativismo (Festival Latino-Americano da Canção). Convida o grande mestre Raulito Barbosa para residir em Santa Rosa e ajudá-lo no festival. Através dele, conhece Mercedes Sosa, convidando-a para o show da segunda edição do evento. Seria a primeira apresentação da cantora no Brasil, depois de dez anos de exílio na França.

É preciso salientar que o Musicanto inovou a cultura gaúcha dos festivais, propondo um evento aberto a todos os tipos de manifestações. Tornou-se um dos maiores festivais do estado, rivalizando com a Califórnia de Uruguaiana tanto em prestígio quanto ideologicamente. A primeira edição foi vencida por Nelson Coelho de Cas-



Borges com Vinícius Brum e Alceu Valença.

tro e causou grande polêmica, tanto do lado intelectual (como no caso da música *Vozes Rurais* de João de Almeida Neto que contestava a ideologia do festival) quanto em protestos mais exacerbados.

Diz a lenda que um dos participantes chegou a sacar um revólver para protestar e etc., o que só demonstra o acirramento dos ânimos na ocasião (dois anos depois, Jerônimo Jardim seria apedrejado na Califórnia da Canção - ver fascículo específico).

1984 - Apresenta-se no Festival Nacional del Folklore (Cosquin - Argentina).

1985 - Lança o LP *Quarteadada*. Viaja por todo o Brasil, divulgando o Musicanto de Santa Rosa.

1986/87 - Lança o LP *Solo Livre*. Apresenta-se em vários estados brasileiros, sendo premiado em muitos festivais como compositor e instrumentista.

1988 - Em São Paulo vence, em parceria com o guitarrista Alegre Corrêa, o Festival Avareense de Música Popular (Fampop), com a música instrumental *Terça-feira*. Representa o Brasil (junto com outros músicos) na Semana Regional do Folclore da Guiana Francesa (em Caiena).

1989 - Premiado Instrumentista do Ano no RS.

1990 - Eleito Músico da Década pela crítica do RS. Encerra sua participação na administração do Musicanto de Sta. Rosa, mudando-se para Foz do Iguaçu-PR para realizar o festival Mostra Latino-Americana de Música Acordes Cataratas.

1991 - Lança o LP *Fronteiras Abertas*, em parceria com Antônio Tarragô Ros.

1992 - De março a abril apresenta-se em quatorze shows pela Alemanha, Áustria, Eslovênia e Suíça, onde grava seu primeiro CD internacional, *Gaúcho Rider*, com ritmos como vanerão, bugio, forró, chacarera e chamamê. Lança no Brasil (pela Velas) o CD *Geraldo Flach e Luiz Carlos Borges*. Vence a Califórnia da Canção com *A História de Fulgêncio Guerra e seu Cavalo* (parceria com Mauro Ferreira). Cria o Festival de Música de Missal-PR (município às margens de Itaipu).

1993 - Muda-se para Viamão (RS). Em abril, parte para nova turnê européia e, em junho, apresenta-se com Alegre Corrêa em Zurique junto a outros artistas brasileiros como Sivuca, Tom Zé e Paulo Moura. De volta ao Brasil, monta em sua casa o Estúdio Sapucay, no qual



seriam gravados discos de vários músicos importantes, como Gaúcho da Fronteira, Jayme Caetano Braun, Chaloy Jara e Dante Ledesma entre outros.

Lança o CD *Na Chama do Chamamé*, pela USA Discos.

1994 - Faz 25 shows em 75 dias pela Europa (Áustria, Alemanha, Itália, Suíça, Polônia, Croácia, Eslovênia e Iugoslávia) com o guitarrista Edison Campagna.

Digno de nota é que compõe o baião *Com Saudade* (uma de suas mais belas composições), voltando da Eslovênia para a Alemanha. Ao final da viagem, grava o seu segundo disco europeu, *Gaúcho*, pela Face Music/Zurik, produzido por Urz Albert.

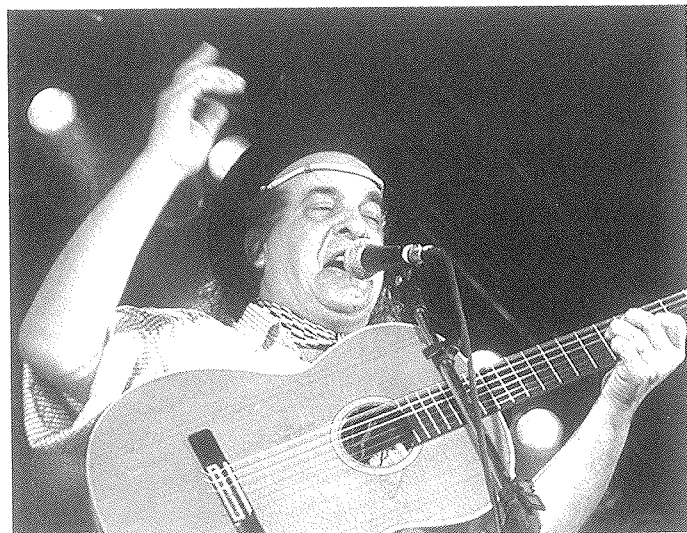
Lança no Brasil o CD da série *Gaúchos de Ouro*, pela USA Discos.

1995 - Lança o disco *Hay Chamamé* para a região sul do Brasil e países do Mercosul, pela USA Discos.

1996 - Apresenta-se nos projetos "Caminhos do Prata" e "Cantamérica" em Buenos Aires. Lança o CD *Temperando*, pela ACIT.

1997 - Vence pela segunda vez a Calhadra de Ouro da Califórnia da Canção com *O Forasteiro* (parceria com Vinícius Brum e Mauro Ferreira).

Apresenta-se em Montevideo. Lança o CD da série *Acervo Gaúcho*, pela USA Discos.



Na 27ª Califórnia da Canção Nativa do RS, dezembro de 1997.

1998 - Vai a Copa do Mundo da França no Festival Sud a Sul (Sanary).

Lança pela gravadora ACIT o CD *Bem-Vindo ao Sul* (com convidados especiais) e ainda o CD homônimo de carreira pela mesma gravadora.

Em projeto do governo do estado do RS, apresenta-se durante uma semana no Museu do Louvre (Paris), com o instrumentista Leandro Rodrigues, seguindo posteriormente para mais cinco shows na Ilha dos Açores.



1999 - Lança o CD *Campeiros* (pela ACIT) em parceria com Mauro Ferreira. Conduz o programa "Prosa de Galpão" na Rádio Rural (POA).

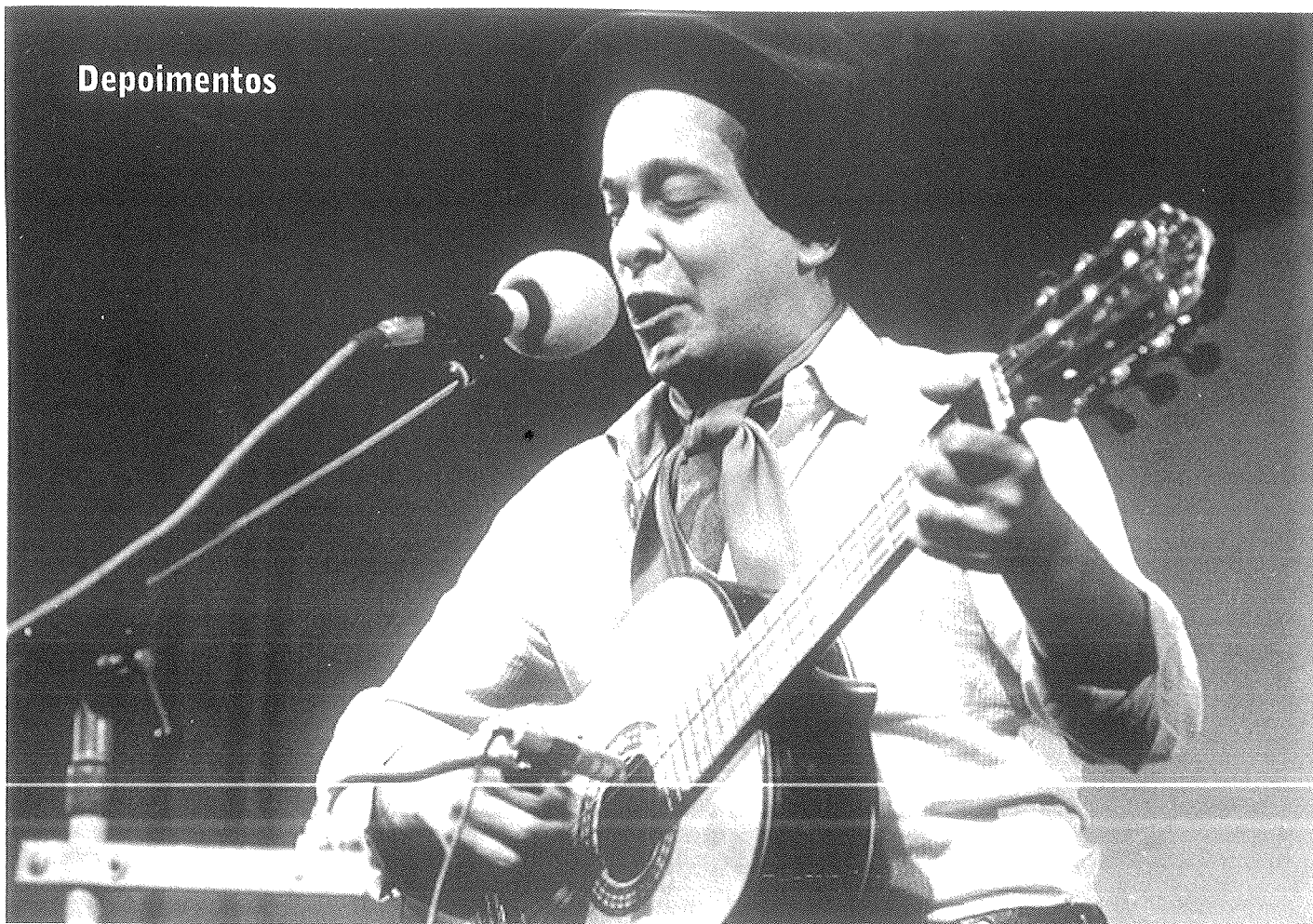
2000 - Idealiza com Juarez Weber o projeto Vitrine Gaúcha, restaurante temático de gastronomia e cultura, que desenvolve em sociedade com Renato Borghetti no Shopping DC Navegantes (POA).

Apresenta-se com o Gaúcho da Fronteira em nove shows nos EUA (Boston, Nova Jersey, Nova Iorque e Massachussets).

2001 - Lança o CD *Do Pampa ao Pantanal* (ACIT), vigésimo segundo disco de sua carreira a contar do primeiro LP com o conjunto "Irmãos Borges" (em 1971).



Depoimentos



" O Rio Grande do Sul é o estado mais 'ternário' do Brasil, o resto é 'binário'. É por isso que não conseguem entender a malícia do movimento de um chamamé, que pra eles vira rancheira. É como americano tocando samba ."

" O chamamé a gente reconhece como correntino e alguns outros rastros ainda estamos pesquisando. Pode-se traçar uma linha imaginária partindo de Corrientes, passando pela Província de Misiones e adentrando o RS em vários pontos das fronteiras com Argentina e Paraguai, tocando num cantinho do Paraná, de São Paulo e seguindo pelo Mato Grosso até a Bolívia e, talvez, até a Venezuela. Busquei a proximidade com Campo Grande, que é hoje o lugar onde mais se toca chamamé. Apesar do enorme número de conjuntos de baile do RS que tocam este gênero, aqui ele ainda não é tão respeitado e reconhecido ."

" A aceitação de ritmos no RS é morosa. Há anos se debate a aceitação do chamamé na Califórnia da Canção. É uma enrascada para a Califórnia, porque vários chamamés já ganharam este festival, inscritos como rancheira (eu inclusive, com A história de Fulgêncio...). Ora,

me criei tocando chamamé em baile e acho que a maior prova de aculturação do gênero é a aceitação popular e não o canetaço de um gabinete. Toco isso há trinta e cinco anos e antes de mim já havia uns trinta ou quarenta com Reduzino Malaquias e João Marasci."

" Não posso aceitar, por exemplo, o preconceito contra a música sertaneja no RS. Não só a boa música caipira do interior de São Paulo, mas aqui, historicamente, sempre se fez música sertaneja. Existem focos muito fortes na região de Osório e também em São Borja, Itaqui e Barro Preto."

" Meu pai tocava toadas que eram lamentos sertanejos e ele sempre lidou com comércio de carreiras na região de Tupaciretã, Santo Ângelo e São Miguel. O Paixão Côrtes fez umas pesquisas sobre os tropeiros birivas e ali dá pra ver que a música deles estava mais para sertaneja do que para essas que a gente toca agora. Eram coisas lindas e expressivas do nosso povo que a nossa cultura não pode desprezar em nome do que se convencionou chamar de tradicionalismo ou nativismo."



Com Yamandu Costa e Plauto Cruz.

" Quando criei o Musicanto foi justamente pela insatisfação com as patrulhas de tradicionalistas, que não são exatamente as pessoas que produzem música.

O nativismo é um movimento novo na cultura gaúcha. Aniversaria com a Califórnia, mas já tinha raízes em inovações propostas por Luiz Menezes, Glaucus Saraiva e Barbosa Lessa.

Eu tinha um compromisso moral com a aproximação aos músicos argentinos. Se eles me aceitavam tocando nossas rancheiras, chotes e vanerões, por que eu não faria o mesmo com os ritmos deles? Ainda mais se estes ritmos já estavam incorporados à música do RS antes de mim?

O Musicanto surgiu para promover esta tão desejada integração dos povos do sul da América. Tarragô Ros me dizia: 'Tenemos que emborracharnos de nuestras cachaças, después cantar já está'."

" O nordeste tem um dos maiores patrimônios da cultura popular brasileira que é o Luiz Gonzaga. É inspirador tanto do homem da Bossoroca quanto de Caruaru, verdadeiro fenômeno popular e universal. Pois um dia ele me disse que seu maior inspirador foi Pedro Raymundo e sua principal referência em sanfona era o gaúcho de Santa Cruz, Chiquinho do Acordeom. E isso ouvi também de Dominginhos. Então a gente não pode se fechar em preconceitos se os maiores mestres do nordeste têm gaúchos como referência e reconhecem isso. Por que nós não aceitaríamos a música deles e de mestres da música sertaneja ou argentina? "

" Jacaré (Sérgio Metz) contribuiu durante uma década para profundas e valiosas transformações na nossa música. Ele abriu os olhos de muita gente, e eu mesmo devo muito das coisas que aprendi a ele. Teve coragem e sinceridade em suas idéias.

Sei que ele levou consigo a certeza disso, porque era um homem muito inteligente e trabalhava com pessoas sérias que queriam a evolução da nossa música, como o pessoal do 'Tambo do Bando', por exemplo."

" A nossa música está no seu melhor momento para discussões que a elevem e construam novos caminhos. Cessou a disputa de bastidores. Na década de 80, até meados da de 90, discutia-se o sexo dos anjos, quem foi mais gaúcho ou menos tradicionalista, essas bobagens. Fiquei triste quando criaram linhas no Musicanto.

Na primeira edição, tivemos o João de Almeida Neto concorrendo em igualdade de condições com Nelson Coelho de Castro e aquilo foi uma polêmica saudável para todos nós.

É muito mais produtivo botar todos os gêneros musicais no palco e deixar que o confronto saudável entre eles decida o que é melhor, do que fazer isso através de uma comissão organizadora."



Luiz Carlos Borges com Mark Knoffler, no Vitrine Gaúcha.



Tropa de Osso

Milonga

Letra: Humberto Zanatta
Música: Luiz Carlos Borges

DE VEZ EM QUANDO NO HORIZONTE DO PASSADO SURGE UMA NUVEM DE LEMBRANÇAS ANDARILHA -
RILHAS VAI REPON-TANDO PA-RA DENTRO DO MEU PEITO A MINHA INFÂNCIA COM SEUS OSSOS EM TROPILHA -
PI-LHA TINHA MANGUEIRA COM BANHEIRO BEM CUIDADO TINHA PIQUETE E UM CAMPO ONDE INVERNAVA -
NRYM A MINHA TROPA ERA DE PURO PEDIGREE TO-DA DE OSSOS DESCAMADOS QUE CAMPEAVA -
PER-VA GADO DE OSSO QUE FOI PARTE DO MEU MUNDO CARRO DE LOMBA E TRATOR DE CORTICEIRA -
-CEIRA O MEU BODOQUE E O BANHO A-ÇU-DE FORAM NA INFÂNCIA MINHA VIDA VERDADEIRA -
DEIRA O MEU BODOQUE E O BANHO A-ÇU-DE FORAM NA INFÂNCIA MINHA VIDA VERDADEIRA

De vez em quando no horizonte do passado
Surge uma nuvem de lembrança andarilha
Vai repontando para dentro do meu peito
A minha infância com seus ossos em tropilha

Tropa de osso quem não teve quando piá
Ou não foi piá ou não viveu como nós outros
Como era lindo a gurizada se entretendo
Com os ossos que foram bois, ovelhas, potros.

Tinha mangueira com banheiro bem cuidado
Tinha piquete e um campo onde invernava
A minha tropa era de puro pedigree
Toda de ossos descamados que campeava

Noutras andanças toco as reses dos meus sonhos
Por um estreito corredor feito esperança
Algumas vezes sou tropeiro outras sou tropa
Mas sempre guardo os bois de osso na lembrança.

Gado de osso que foi parte do meu mundo
Carro de Lomba e trator de corticeira
O meu bodoque e o boi no açude
Foram na infância minha vida verdadeira.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") / Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleitton & Kledir (especial) **	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipa
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

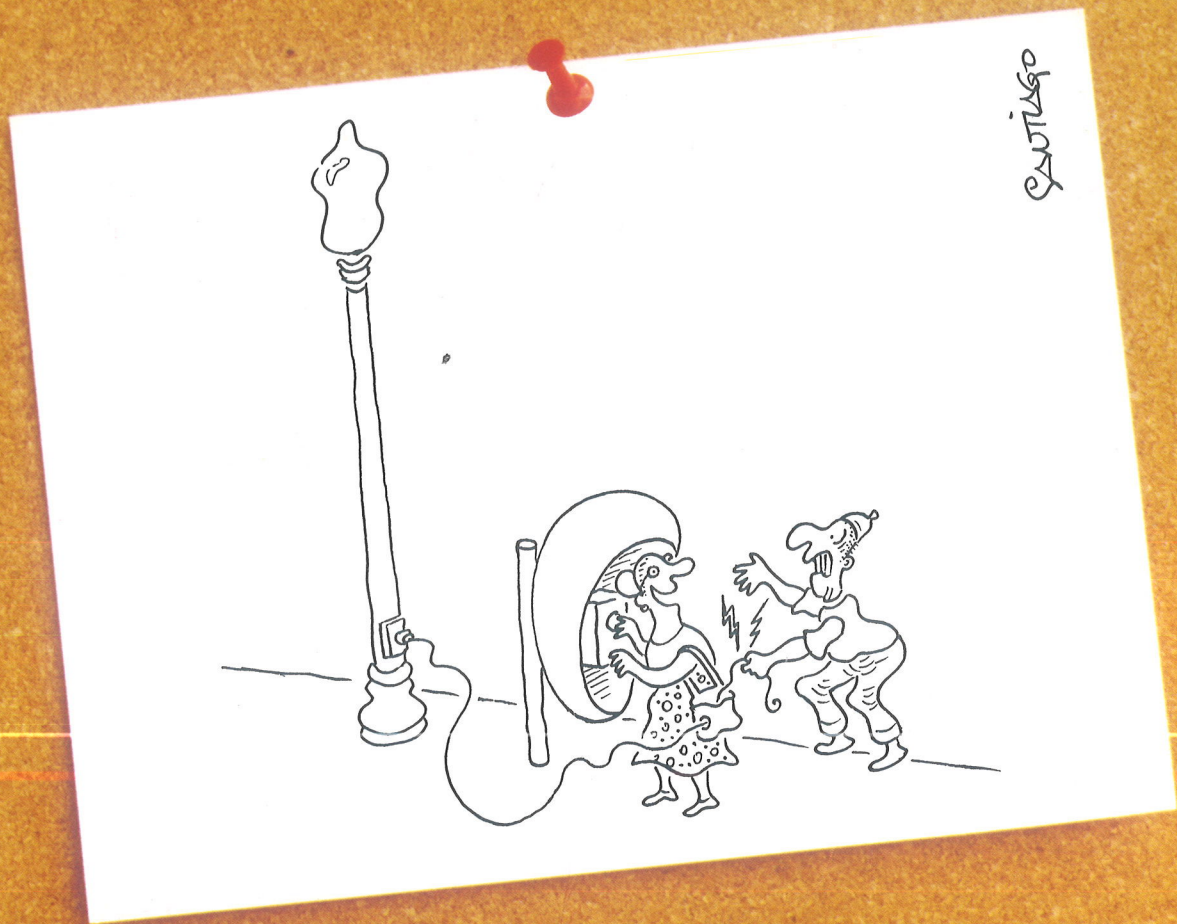
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleitton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrtton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



www.ceee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura